

Fracturas da anca em paleopatologia: o caso português

CURATE, Francisco; ASSIS, Sandra; CRUZ, Cristina

Departamento de Antropologia e Centro de Investigação em Antropologia
e Saúde, Universidade de Coimbra

ORAL

E-mail f_curate@yahoo.com

Resumo A perda de massa óssea é, por si mesma, clinicamente inócua. Os sintomas de osteoporose são vagos, obscuros ou inexistentes a menos e até que um indivíduo afectado sofra uma fractura. A significância clínica da osteoporose limita-se, pois, às arquetípicas fracturas da anca (ou fémur proximal), vértebras, rádio distal e úmero proximal.

Embora as fracturas sejam ubíquas em paleopatologia, a maioria remete para um evento traumático e não para a fragilidade inerente ao próprio osso. A literatura paleopatológica é escassa relativamente a fracturas cujo vector primordial seja a perda de massa óssea ligada ao envelhecimento. As descrições de fracturas da anca, sobretudo, são bastante incomuns.

É importante, mesmo essencial, que um investigador conheça intimamente as possibilidades de informação que os diferentes tipos de fractura lhe podem proporcionar. Desse modo, esta comunicação tem como finalidade definir as fracturas de fragilidade, nomeadamente as fracturas da anca, de acordo com o paradigma biomédico e apresentar uma súmula dos casos portugueses deste tipo de fractura. Os escassos registos de fractura do fémur proximal em remanescentes esqueléticos portugueses referem-se, na maioria dos casos, a indivíduos idosos do sexo feminino.

Palavras-chave Fracturas da anca; Coleções Osteológicas Identificadas de Coimbra e Lisboa; Santa Clara-a-Velha; Constância; Barcelos; Juncal.